



**Laís Machado da Luz**

**HELENA FERRARI E H.**  
AS MÚLTIPLAS VOZES DE UMA TRAJETÓRIA

SANTA MARIA

2020

LAÍS MACHADO DA LUZ

**HELENA FERRARI E H.**

AS MÚLTIPLAS VOZES DE UMA TRAJETÓRIA

Trabalho final de graduação apresentado ao  
Curso de História da Faculdade Franciscana,  
como requisito para a obtenção do grau em  
licenciatura em História.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Paula Simone Bolzan Jardim.**

SANTA MARIA

2020.

**Laís Machado da Luz**

**HELENA FERRARI E H.**

**AS MÚLTIPLAS VOZES DE UMA TRAJETÓRIA**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de História –  
Área de Ciências Humanas, da Universidade Franciscana, como  
requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em  
História.

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Paula Simone Bolzan Jardim – Orientadora (UFN)

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Paula Ribeiro Ciochetto (UFSM)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Pamela Francisca Jorquera Álvarez (Universidade do Chile)

Aprovado em \_\_\_\_\_ Julho de 2020.

*Dedico esse trabalho aos responsáveis pela minha existência, Fátima e Antônio. Daniel, aquele com quem divido a irmandade.*

*Isabelle, minha sobrinha que amo e é por quem luto por um mundo menos limitado as mulheres.*

*A minha avó paterna, Eva (in memoriam) por ter partilhado comigo suas últimas histórias.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais pelo apoio emocional e financeiro para que esse sonho se realizasse.

À minha madrinha do coração, pelos apoios, incentivos e mimos para as noites de estudos. Agradeço aos amigos, que suportaram minhas ausências nesse período, agradeço também pelos incentivos de sempre e por estarem em todos os momentos.

Agradeço a UFN pela acolhida, pelo espaço de troca de conhecimento, pela estrutura aos alunos, principalmente pelo acervo da biblioteca, sentirei falta de caminhar pelos corredores desbravando o mundo dos livros, agradeço também pelo incentivo e apoio financeiro em bolsa de extensão e assistência educacional. Sei que sem esse apoio seria mais difícil de concluir essa etapa.

Aos professores deste curso pelas trocas, aprendizados, e dedicação aos alunos e aos incentivos de ao ser professor, sempre ter um olhar cauteloso à vida humana.

Agraço em especial a coordenadora Roselaine Casanova Corrêa pelos ensinamentos e pela confiança em minha pessoa como sua bolsista.

A minha orientadora, Paula Simone, pelo incentivo, orientação e compreensão ao auxiliar esse trabalho e pelos conhecimentos adquiridos em suas aulas.

Agradeço ao Museu Histórico e Cultural da Irmãs Franciscanas pelas práticas e conhecimentos adquiridos ao longo dos dois anos de projeto.

Agradeço ao Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, pelo atendimento aos pesquisadores e a acolhida, pois, foram meses de pesquisas em seus arquivos.

À Senhora Ana Lucia, por me receber em sua casa na busca por Helena sempre muito carinhosa e atenta as minhas perguntas referentes aos documentos.

E por último, a Helena que não se encontra mais entre nós, mas que deixou seu legado e sua força descrita em suas notas.

*“Escrever como quem diz: “eu estou viva. ””*

*(Francisco Mallmann)*

## RESUMO

Esse trabalho tem como tema central o estudo de trajetória de vida da primeira mulher a assumir o cargo de vereadora na cidade de Santa Maria/RS a partir de documentos autobiográficos. Outras documentações pessoais ou depositadas em arquivos públicos, foram consultadas conforme necessidade de cruzamento ou confirmação de dados. O intuito é de, por meio dessa documentação, mapear as suas ações, interesse e contradições presentes em suas lembranças escritas com objetivo biográfico e assim, alcançar os elementos que estão envolvidos na forma que adquiri a ressignificação do sujeito por meio da narrativa sobre si, sob influência da percepção do filósofo Paul Ricoeur do viver no tempo. Quanto a metodologia trata-se de uma pesquisa qualitativa utilizando fontes primárias consultadas em acervos públicos e pessoais de familiares.

**Palavras-chaves: Trajetória. Ressignificação do sujeito. Paul Ricoeur.**

## **ABSTRACT**

The present study is focused around the trajectory of the first city councilwoman in Santa Maria/RS according to autobiographical documentation. Other personal documentation as well as public records were consulted in accordance with the needs for confirmation and data cross-referencing. Through such documentation, the aim is to map her actions, interests and contradictions concerning written memories with a biographical goal, thus, reaching the elements involved in how subject resignification through narrative about oneself was acquired, performed in line with Paul Ricoeur's perception of living in time. The study uses a qualitative methodology, examining primary sources in public, personal, as well as family records.

**Keywords: Trajectory. Subject resignification. Paul Ricoeur's perception.**



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

H	Helena Ferrari Teixeira
OMS	Organização Mundial da Saúde
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
UFN	Universidade Franciscana
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UDN	União Democrática Nacional
VFRGS	Viação Férrea do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	6
<b>ABSTRACT</b> .....	7
<b>LISTA DE SIGLAS</b> .....	8
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 A PROCURA DE HELENA FERRARI</b> .....	14
<b>3 QUEM FAZ O ANDAR DO TREM? O MOVIMENTO DE HELENA</b> .....	19
<b>3.1 A VIDA PÚBLICA DE HELENA FERRARI</b> .....	27
<b>4 FRAGMENTOS DE H.</b> .....	30
<b>5 COAUTORIA E PROTAGONISMO: algumas considerações finais</b> .....	36
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	41
<b>FONTES</b> .....	43

## 1. INTRODUÇÃO

Helena Ferrari Teixeira, foi uma parlamentar eleita em 1952 no interior do Rio Grande do Sul no período em que a expectativa sobre as ações das mulheres era, majoritariamente, voltada para a constituição do lar e da família. Contrariando essa expectativa, ela foi a primeira mulher eleita para cargo de vereadora municipal de Santa Maria e procurou fazer sua história opondo-se a essa realidade de discriminação de gênero, comum naquele período. Por esse motivo, o questionamento sobre o que a levou a iniciar sua atuação política se tornou maior e desencadeou essa pesquisa. A motivação inicial foi entender em que contexto a primeira parlamentar santa-mariense foi eleita, no entanto, no decorrer da procura por documentos e fontes históricas, Helena se mostrou mais do que uma parlamentar, pela forma como aparecia nos escritos, era uma mulher que enfrentava os desafios de sua vida com suas convicções e seus posicionamentos políticos.

A fim de entendê-la, partimos de sua atuação política por meio da documentação disponível na Câmara de Vereadores e das repercussões de suas atividades nos jornais da época, onde ela aparecia como mais um peão do jogo político. Todavia, essa busca corria o risco de ser repetitiva (já havia pesquisa sobre ela) ou de ser incompleta, especialmente depois de termos acesso aos arquivos pessoais dela deixados sob a guarda de sua sobrinha. Foi assim que a escolha por escrever sobre Helena tornou-se um tema complexo, saímos da busca pela figura pública para adentrarmos na senda da existência de uma pessoa que se mostrou uma personagem fragmentada que emergia, vez que outra, do complexo quebra-cabeça de múltiplas vozes registrados por ela em páginas de papel. A aventura se tornou a conhecer Helena por meio dos documentos criados por ela mesma com o intuito de se fazer conhecer. Nesse sentido, optei por denominar como vozes os escritos deixados por ela no acervo pessoal criado pela família. No conjunto de documentos variados, vejo, entre as intenções narrativas e os temas narrados, ao menos três Helenas: uma que é a vereadora Helena Ferrari, agente no campo política; outra Helena que assina H, nos documentos pessoais, cujas insistentes narrativas de temas repetidos nos faz encarar a falta de coesão e sentido dos documentos registrados com afã de ser ouvida; e, por fim, a Helena, primeira mulher no campo legislativo de Santa Maria e que permaneceu, de forma discreta, nas memórias da cidade.

É importante ressaltar que a procura por documentos a respeito de Helena se fez de formas variadas, seja na Câmara Municipal de Santa Maria, na casa de sua sobrinha Ana Lucia e nos jornais do Arquivo Municipal de Santa Maria. Essa busca se modificou ao longo da investigação devido as fontes encontradas aliado ao desejo de entender o enigma que ia

surgindo a frente: estudar a história de alguém sem fazer uma biografia tradicional apologética ou estudar a trajetória de uma pessoa com fontes de diversas naturezas? Todavia, a fragmentação documental associada com a narrativa desconexa e intermitente deixada por Helena poderia inviabilizar a intenção de contar sua história?

Todavia, antes de prosseguirmos é preciso fazer uma pausa para considerar os trabalhos acadêmicos que se debruçaram no tema da vida de Helena Ferrari, são dois: Justina Franchi Gallina na área de Relações Públicas, em 2004, pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, escreveu uma monografia sob o título: **Helena Ferrari: a quebra da hegemonia masculina no legislativo santa-mariense**, onde narra a trajetória política da vereadora, utilizando os jornais e as atas municipais do ano em que ela foi eleita; e uma dissertação de Vantoir Brancher, no Mestrado em Educação da UFSM (2006), que teve como tema a professora Helena, dando ênfase a sua vida fora da legislatura, sob o título: **Helena Ferrari Teixeira: entre saberes e representações**, onde narra a trajetória da Helena como professora através dos relatos de suas alunas. As pesquisas de Gallina e Brancher tem como metodologia o uso da história oral, a primeira autora reúne relatos de ex-vereadores e atores do meio político na cidade, bem como o cruzamento entre os relatos e as narrativas dos jornais sobre a vereadora. Brancher utiliza a história de vida para nos revelar a Helena professora, atuante política junto com uma ligação ao autor da pesquisa.

Acerca das discussões acadêmicas sobre Helena, situo esse estudo como uma trajetória, devido aos eventos narrados nas notas de Helena não configurarem uma linha cronológica, nem terem a pretensão de alcançar todas as vivências de sua existência. Ela apenas narra os acontecimentos de sua vida que julga importantes de serem lembrados na eventual construção de uma biografia. Portanto, justifica-se a relevância dessa pesquisa, por ser a primeira na área da historiografia que tem como objetivo a abordagem e a ressignificação do sujeito em suas múltiplas narrativas, sob a utilização de material documental inédito, o viver humano no tempo inspirado na perspectiva de Ricoeur (2011). Para esse autor, a História é uma narrativa lógica e temporal, todavia, com ela surge a possibilidade de integrar de forma dialética, os aspectos que anteriormente pareciam ser inconciliáveis que são o tempo estrutural ou lógico da análise historiográfica e o tempo vivido apoiado na narrativa. Ainda, o filósofo define como objetivo da história, a meditação entre o viver humano, a sensibilidade e a ação humana no tempo e contribuiu para a discussão da história como gênero dialético por excelência onde se confrontam diferentes ideias que são atreladas como do “mesmo ao outro” e do “passado ao presente. ” Assim, para o historicista, a principal função da história, além de adotar a

consciência de presença no tempo, se faz ao estabelecer um diálogo entre passado e presente com o objetivo de narrar o tempo vivido, bem como ‘ensinar a viver’ atrelado ao desafio do cotidiano. Dessa forma, Ricoeur recupera uma função que não era enfatizada pela historiografia dos Annales ou pelo Marxismo, a história como “mestra da vida”, não servindo somente para a composição da memória dos políticos, mas para o todo ser humano que experimenta o desafio de viver no seu dia a dia.

Com as devidas ressalvas críticas e de concordância, afinamos a percepção acima destacada com os estudos da historiografia da Nova História Cultural, pois esta permitiu que o campo da investigação histórica se ampliasse, ao questionar a forma tradicional de abordar temas de investigação e fontes documentais. Nesse campo de pesquisa, a própria noção da política foi relativizada e deixou de enfatizar dos decretos oficiais e os salões do Estado, acrescentando no seu rol de interesses a vida daqueles que compunham os partidos, os movimentos sociais, a manifestação espontânea dos coletivos e dos seus significados no ambiente público. Quando se voltou para outras experiências das pessoas comuns e deixou de lado as biografias de notáveis e das minorias privilegiadas, a história política trouxe contribuições para a historiografia. Portanto, a história política ao utilizar a interdisciplinaridade, não permanece isolada, conforme Remond (2003), não fecha sobre si mesma. E isso contribuiu para compreender e salientar as pluralidades dos caminhos, desde as tramas políticas às vidas dos sujeitos que percorrem a existência humana e acabam alimentando a historiografia.

Bourdieu (2006) ao discutir sobre os relatos biográficos, traz pontuais definições acerca de relatos de vida, estabelecendo uma crítica por esse termo ter sido introduzido no meio científico através do senso comum. O significado consiste na história de uma vida como um resumo entre a história e o relato dela, seguido por um percurso orientado com etapas e um roteiro a ser seguido, que demonstra, ao mesmo tempo, uma delimitação da vida humana, como se todas as ações e eventos fossem coerentes e explicáveis. Ao contrário, a biografia se define como a história de um indivíduo relatado por outro indivíduo, visando a totalidade da existência, segundo o autor critica essa abordagem. Em contrapartida Bourdieu ressalta que o termo história de vida, que se refere falta de uma sequência lógica das ocorrências e acontecimentos de vida de uma pessoa na forma cronológica; e a trajetória de vida, como a objetivação das relações e agentes presente no campo, ao produzirem uma história de vida ou tratá-la como um relato coerente com significados e direções precisa se conformar em parecer uma ilusão retórica e um reforço de uma tradição literária. Ainda sobre o tema, em Autonomia do método biográfico, o autor Ferrarotti (2010) situa o campo sociológico no método biográfico e

considera que o viés tradicional prefere utilizar materiais secundários aos primários por serem esses mais objetivos. Afirma que, devido ao interesse que tem surgido sobre o uso sociológico da biografia, há demanda para uma renovação do método, pois esse seria impreciso.

Segundo Pineau (2012) a vida humana não é uma história, mas voltas com múltiplas histórias cheia de intervalos, de continuidades e descontinuidades a serem articuladas. O autor considera que há elementos para a defesa das histórias de vida, e salienta que esse é recurso biográfico para se ter acesso a historicidade - uma construção pessoal do sentido através dos sentidos estabelecidos.

No campo historiográfico se tem definido que a história e a memória não são sinônimos, todavia, a área de estudos sobre a memória não é um lugar pacificado. Halbwachs, em “A memória coletiva” (1877 – 1945) traz reflexões sobre as múltiplas memórias e afirma que a necessidade de escrever sobre a história em um período e sobre uma pessoa específica, só é despertada quando ela já se encontra distante no passado, para que assim haja a chance de encontrar lembranças conservadas nas mais diversas testemunhas. Portanto, se fez necessária a utilização desse autor para contribuir com a compreensão das diferenças entre a memória coletiva e memória individual, o que é essencial para entender a memória de Helena, por se tratar de uma pessoa com atuação política, tendo em vista que a história de Helena já se encontra distante em um intervalo de tempo significativo. Uma pessoa com vida pública e que, ao mesmo tempo, escreve sobre si, sendo que essa pesquisa está voltada para a descoberta/descrição que H. faz de si, Helena.

A fim de deixar mais clara a metodologia usada, li e classifiquei todo o material do arquivo da família, ao qual tive acesso. Do mergulho nessa documentação permitiu que H. se fizesse presente nesse trabalho como coautora e não como objeto de investigação inanimado. Essa característica se deu não somente porque aqui consta a forma que ela escreveu sobre si mesma, mas como ela assumiu o protagonismo de dirigir sua memória em direção ao futuro – escolheu o que lembrar e como, da mesma forma que escolheu o que esquecer. Esse protagonismo solapou a curiosidade sobre as informações dos arquivos oficiais e dos jornais periódicos, ao permitir mergulhar na própria forma como a autora (H.) gostaria que Helena Ferrari, a vereadora, fosse lembrada.

Essa pesquisa foi organizada com o primeiro capítulo intitulado por “**A PROCURA DE FERRARI**”, onde busco demonstrar o que me fez procurar por Helena, a escolha do tema e como se sucedeu esse encontro com os documentos deixados por ela. O segundo capítulo

intitulado **QUEM FAZ O ANDAR DO TREM? O MOVIMENTO DE HELENA** lembrando a força política dos ferroviários e o apoio de Helena a esse movimento. **FRAGMENTOS DE H.** é o terceiro capítulo, onde trago os relatos em que Helena se constitui como narradora de sua vida e sendo assim, no último capítulo descrevo a experiência de ser conduzida por Helena ao escrever essa pesquisa cujo o título é **COAUTORIA E PROTAGONISMO** e a forma como Helena assina em suas anotações como H. devido ao cansaço de escrever.

## 2. A PROCURA DE HELENA FERRARI

A procura por Helena Ferrari iniciou no primeiro semestre de 2019, com o intuito de encontrar informações sobre a pessoa que foi a primeira vereadora da cidade de Santa Maria – RS. Ao subir as escadas da Câmara Municipal, encontrei a fotografia de uma jovem, a primeira fotografia de uma moça no legislativo, mas o que me fez procurar por Helena? O que primeiro me motivou foi meu interesse por encontrar o feminino em espaços de poder político que são tradicionalmente vistos como naturalmente masculinos. O anseio por esse tema foi descoberto na academia. Entretanto para que eu me refira a Helena, é preciso que conte sobre o meu ponto de vista como cheguei até essa pesquisa utilizando os ‘acordes’ de Ricoeur (BARROS, 2011) e o seu objetivo da história sobre “o viver humano no tempo. ”

Ricoeur perpassa diversas perspectivas teóricas, passando pela fenomenologia, que se constitui em empenho em escrever, compreender e interpretar os fenômenos que apresentam a percepção humana, aqui se fez influenciado por Husserl, filósofo alemão que estabeleceu essa escola teórica. Contribuiu com a hermenêutica, definida como área da filosofia que se dedica a entender teorias da interpretação e o historicismo. No campo da história, destaca-se a crítica do filósofo aos historiadores da Escola dos Annales que se baseia, segundo ele, no fato de toda história ser uma narrativa, a não narrativa não existe.

É o resgate do estatuto do modo narrativo, demonstrando que ele estaria presente mesmo nos discursos historiográficos que queriam explicitamente rejeita-lo, Ricoeur colocara como perturbador questionamento para alguns historiadores, e como uma instigante sinalização para outros que já buscavam com acentuada inquietude novos modos de expressão historiográficos para além dos que vinham sendo recomendados pelos paradigmas dominantes. (BARROS, 2011, p. 210).

Ricoeur se fez necessário nessa pesquisa devido a forma como aborda a narrativa, humaniza e ajuda a traduzir a complexidade das múltiplas narrativas que recontam vida e que surgem ao abordar a vida de Helena Ferrari. Nesse sentido, não é possível vê-la desde um lugar exclusivamente de narrador, porque ela mesma narra a si própria, escolhe as memórias a serem guardadas e reforçadas, ou seja, antes do exercício de escrita historiográfica, há outras camadas de escritos, de produção de documentos e narrativas. Portanto, é preciso abrir-se a multiplicidade das vozes, multiplicidade das vivências dirigidas pela própria personagem central, que faz a si própria de personagem em determinados textos. Acerca disso, Albuquerque destaca:



Não devemos reivindicar para a História mais do que seu lugar como saber específico. Se ela jamais será uma ciência capaz de proposições inquestionáveis, se não poderá ser uma arte com total liberdade de criação e não pode submeter o devir histórico a uma filosofia, a uma razão e explicação unívoca; nós, historiadores, podemos fazer disso a delimitação de nosso espaço, tomarmos a História como uma proto-arte próxima da Ciência e da Filosofia, podendo manter, com estas áreas do conhecimento, diálogo permanente, enfatizando, conforme as problemáticas e temáticas a ser estudadas em cada momento, um destes seus aspectos. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 64).

Assim, a História que tem seu lugar específico, pode dialogar com a filosofia, contribuindo para uma discussão aprofundada na historiografia e conforme afirma Albuquerque (2007) “precisaremos da arte de inventar novos mundos possíveis, inclusive da arte de inventar o passado”. Talvez na tentativa de ampliação da percepção de mundos não coerentes possíveis, podemos tornar mais fecundo o encontro com os documentos que narram a vida de Helena Ferrari e narram um si próprio no tempo, um sujeito inventado. Por volta dos anos de 1970 começou a busca por uma História das mulheres, a cerca deste tema podemos afirmar que:

A emergência da história das mulheres com o um campo-de estudo acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais e envolveu a expansão dos limites da história. Mas esta não foi uma operação direta ou linear, não foi simplesmente uma questão de adicionar algo que estava anteriormente faltando. (SCOTT, 1992, p. 75).

Uma busca por direitos e valorização profissional das historiadoras abordando sobre mulheres no sentido amplo e plural. Onde a exclusão e imposição do silêncio se fez aliado por muito tempo, juntamente com a invisibilidade feminina podemos destacar:

Em primeiro lugar, porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas 16 Escrever a história das mulheres atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. (PERROT, 2007)

As mulheres ficaram muito tempo do lado de fora dos relatos, como se a história não fosse realizada também por elas, partindo desse princípio, a investigação das mulheres atuantes em cargos públicos se fez necessário em uma procura. A busca por Helena resultou em um quebra-cabeça que necessitava de encaixe, devido a sua morte no ano de 2004, algumas de suas memórias foram perdidas, mas outras permaneceram em forma de escrita e em fotos. O

encontro com as lembranças de Helena ocorreu na casa de sua sobrinha, uma senhora simpática e prestativa a qualquer pessoa que procure pela história de sua tia. A sobrinha é uma espécie de guardiã dos arquivos privados que se referem a memória da tia.

Helena Ferrari Teixeira emergia daqueles documentos como alguém que reconhecia os costumes rígidos da sociedade em que estava inserida, sabia que devido suas atuações políticas seria alvo de comentários negativos pelo contexto da época. Além disso, com o passar dos anos, teve que lutar para lembrar-se de si mesma. A memória é um substrato que constrói nossa identidade, o que foi feito em nossa vida, segundo Mota e Vainfas (2012, p. 27) entre seus elementos constitutivos:

É preciso, portanto, estar atento ao fato de que a memória se constrói na lembrança, mas também no esquecimento. Em outras palavras, o processo de construção de memórias implica escolhas entre os fatos do passado que, por alguma razão, determinado grupo considera que devam ser lembrados/rememorados; e, ao fazer escolhas, o grupo também sublima, oculta ou esquece outros fatos. Tal aspecto é de fundamental importância para delinear a relação entre passado e a história do tempo presente.

Portanto ao considerar o processo de construção de memórias, tive como escolha recorrer a essa Helena das memórias, aquelas em que ela se descreve, ela como autora de sua história, como a narradora que conta o que deseja que se torne conhecido pelos outros. Assim, a investigação deixou de ser somente sobre o que havia sido dito sobre ela e passou a ter o foco da abordagem no que ela relatava sobre si. Com os métodos de pesquisa dos historiadores e suas discussões acerca de compreender que a memória e a história divergem em suas áreas, de acordo com Mota, Cardoso e Vainfas.

[..] a memória e a história não são sinônimos, pois, diferentemente da primeira, a história aposta na descontinuidade, visto que ela é, ao mesmo tempo, registro, distanciamento, problematização, crítica e reflexão; ela é manejada, reconstruída a partir de outros interesses e em direção diversa, e, para se opor à memória, a história tem ainda o objetivo de denunciar e investigar os elementos que foram sublimados ou mesmo ignorados pela memória. (MOTA et al., 2012, p. 25).

Portanto, as memórias as quais se prendeu firmemente e nem seu diagnóstico <sup>1</sup> foi capaz de romper esses lembretes de sua vida. A documentação deixada por Helena, iniciou pela

---

<sup>1</sup> Helena Ferrari foi diagnosticada com Alzheimer, doença neurodegenerativa que danifica a memória e outras funções mentais importantes.

motivação de sua sobrinha Alires em criar uma biografia sobre a tia, mas para lograrem esse feito, eram necessários detalhes que somente a protagonista poderia compartilhar. Sendo assim, teve início o processo em que passei a considerar que H. escreve sobre Helena, afinal é assim que as notas escritas começam a ser assinadas ‘H.’ Ao longo do exercício de relatar os acontecimentos tornava-se visível o estado de saúde da autora pelas frases inacabadas, ao mesmo tempo em que deixava escrito para sua biografia, reforçava com o recurso da repetição as descrições dos mesmos detalhes de determinados acontecimentos, utilizando os detalhes como pontos de referências para as memórias do passado. A cerca da memória como um exercício Halbwachs considera:

Admitiremos que esse indivíduo crie para si uma espécie de ambiente artificial, exterior a todos esses pensamentos pessoais, mas que os envolve, um tempo e um espaço coletivos, e uma história coletiva. É nesse tipo de contexto que se juntariam os pensamentos (impressões) dos indivíduos, o que pressupõe que cada um de nós deixasse por um momento de ser quem é. Logo voltaria a si, introduzindo em sua memória pontos de referência e divisões que traz prontas de fora. (HALBWACHS, 2006, p. 80).

Seguindo essa afirmação de Halbwachs, entende-se que H. ao escrever as notas, ler os seus relatos e ouvir histórias sobre sua vida, se apossou dessas memórias coletivas, lembranças de outras pessoas e somou as suas. Como sua memória individual sofria com a fragmentação, recorreu assim ao registro dela, construindo uma história de si a partir do que foi contado por outros, e ao ouvi-las as transformou como fidedigna, deixando em outro plano as suas impressões individuais desses momentos que foram recontados.

Halbwachs afirma que não temos o hábito de falar sobre a memória de um grupo nem por meio de metáfora. O autor também relata que existem duas memórias, a coletiva e outra individual, sendo assim o indivíduo participa das duas. Dessa maneira ao estabelecer parâmetros sobre as memórias coletivas e individuais entende-se que:

Por outro lado, a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas – evolui segunda suas leis, e, se as vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 2006, p.72).

No caso de Helena, a memória individual parece se fragmentar em duas: aquela que viveu e a aquela que, arqueologicamente, revira os artefatos e cria novos registros sobre seus feitos, mostrando um lado que até então não era presenciado, como o de rememorar o que passou para lembrar quem se foi. Portanto, ao percorrer o trajeto de procura por Helena Ferrari, que mostrou que a totalidade da existência do ser muitas vezes não se delimita somente a uma narrativa, esse foi o início de uma jornada de descobertas, onde a história contada sobre ela, se fragmenta em múltiplas vozes.

### 3. QUEM FAZ O ANDAR DO TREM? O MOVIMENTO DE HELENA

Neste capítulo, aponto brevemente o desempenho do movimento ferroviário, suas atuações políticas em benefício dos seus participantes, contando assim com as contribuições que foram trazidas pelas estradas de ferro e suas associações. Ao falar sobre o movimento ferroviário em Santa Maria e o apoio de Helena Ferrari a esse movimento ao qual era vinculada politicamente, se faz necessário conhecer o contexto histórico da cidade e como foi consolidado as ferrovias nesse período no interior do Estado.

O município de Santa Maria/RS possui marcas deixadas pelo sistema ferroviário, seja na saúde, na educação e no patrimônio ferroviário que se perpetua na arquitetura urbana. Esse sistema de ferrovias era responsável pelo transporte de produtos agrícolas e de passageiros, ligava a capital do estado, Porto Alegre, as cidades do interior, numa malha que se estendia até a cidade limítrofe de Uruguaiana (fronteira com a Argentina), ao longo do trajeto com inúmeras paradas. Nesse sistema, Santa Maria era central, um ponto estratégico de parada. Flores descreveu os acontecimentos cronológicos sobre a história da cidade e aqueles marcos arquitetônicos como os quartéis e o entroncamento ferroviário:

A dinâmica da economia platina fez da localidade de Santa Maria um ponto de referência geopolítica. Para isso, dois elementos foram determinantes: sua posição estratégica do ponto de vista militar e a consolidação do sistema ferroviário no sul do Brasil, do qual se tornou importante entroncamento ferroviário, que a interligou a várias cidades fronteiriças e ao centro do país. (FLÔRES, 2007, p. 142).

As ferrovias trouxeram para a cidade não apenas visitantes de passagem, mas migrantes, pessoas especializadas para trabalhar na viação férrea, imigrantes, que modificaram a paisagem com suas casas. Além disso, as escolas criadas por ferroviários, como a Escola Santa Terezinha, e a Escola de Artes e Ofícios, que em 1903 foi assumida pelas Irmãs Franciscanas, que também administravam o Colégio Sant'Anna, e que era voltada somente para educação feminina. Nesse movimento de expansão da presença ferroviária, foi criado o Hospital Casa de Saúde para atender funcionários associados e suas famílias, já que no período não havia muitos ambulatórios na cidade e nem todos poderiam pagar pelos serviços.

A viação Férrea do Rio Grande do Sul - VFRGS resultou das ferrovias unificadas a partir de 1905, algumas dessas vias pertenciam a *Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer au Brésil*, uma companhia de origem belga, que criou habitações para famílias de seus conterrâneos que mudaram de residência para o Brasil devido a criação da mesma em solo

brasileiro, em 1898. Associadas a outras companhias férreas, o governo brasileiro transformou-as em uma única empresa estatal, em 1920.

Sobre essas moradias por muito tempo perpetuou-se a ideia de que foram desenvolvidas para os funcionários da VFRGS, em partes essa hipótese não se encontra incorreta, mas sim incompleta, pois, na maioria das residências construídas na cidade de Santa Maria moravam as famílias de funcionários dos escritórios da companhia, como engenheiros e técnicos. Uma vila situada num local privilegiado da cidade. Oliveira (2016) descreve a trajetória dos clubes negros de Santa Maria, no Pós-abolição e para mostrar a invisibilidade negra presente nas obras pioneiras da história da cidade, não constando nessas obras públicas os clubes negros e associações negras.

Segundo Oliveira (2016, p. 73) estudar a Vila Brasil tornou-se um eixo importante à pesquisa do Clube União Familiar, uma vez sendo impossível deixá-la de lado por saber que o clube estava situado exatamente onde a vila fora construída. Ainda a autora afirma que há em destaque especial a Vila Operária Brasil, onde se localizava o importante Clube União Familiar, fundado em 1896, logo após a abolição da escravatura no Brasil, sendo um dos clubes mais antigos e ainda assim esquecido pelos memorialistas da cidade, entre eles Beltrão (1958).<sup>2</sup>

Acerca dos clubes negros após a abolição, a população negra se viu obrigada a gerar inúmeras estratégias para resistir e consolidar-se na sociedade feita somente para brancos, criar métodos de resistências, uma delas eram os clubes negros para convívio dessa população. Sobre isso, Oliveira relata o seguinte:

Desse modo, os clubes e associações negras funcionavam, basicamente, para garantir um espaço de acesso a direitos como, por exemplo, o lazer em suas diferentes modalidades (o festejar, o dançar, o beber e o socializar) entre os seus. Além disso, tais espaços, significavam melhorias para a vida de seus frequentadores que, inclusive, também movidos pelo desejo de interação social, em uma sociedade que os excluía, criaram suas próprias organizações, mostrando que, assim como os brancos, também podiam articular-se em clubes, erguer sedes próprias e fixar programações de atividades. (OLIVEIRA, 2016, p. 33).

Nesse sentido, é preciso lembrar que a maioria da população negra que trabalhava na ferrovia morava na Vila Brasil, sendo ela vista como uma vila operária por ter muitos moradores que dividiam suas vidas entre o Clube União e a estrada de ferro. Um local de moradia que ficava à margem da cidade.

---

<sup>2</sup>BELTRÃO, Romeu. Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho 1787 – 1930. Santa Maria: Editora Pallotti, 1958.

No entanto, as habitações perto da Estação Santa Maria, batizadas como Vila Belga, se tornaram um dos pontos turísticos da cidade atualmente e são consideradas patrimônio cultural e histórico do município (lei municipal nº2983/88, de 6 de janeiro de 1988), ao contrário da Vila Brasil, que raramente é mencionada ou citada na história do município. Nesse movimento de construção da memória da cidade, percebemos uma intenção de valorizar determinados grupos em detrimento de outros: uma memória racialmente selecionada, que exalta ao mesmo tempo aqueles que vem de fora como o caso da vila de origem belga, mas esquece de mencionar os que construíram bairros importantes e que são da região. Além disso, a seleção da memória não aparece apenas como um recorte de raça, mas de gênero.

Apesar de ocorrer muitas mudanças em Santa Maria e a presidência do legislativo municipal ser assumida por quatro vereadoras até 2019. A primeira foi em 2006<sup>3</sup>, depois em 2011<sup>4</sup>, 2014<sup>5</sup> e em 2019<sup>6</sup>, período em que se teve por último uma vereadora como presidente do legislativo, ainda assim não é o suficiente. A memória coletiva financiada pelo poder público parece não sofrer impacto desses protagonismos femininos, pois não se encontra com muita frequência ruas com nomes de mulheres, somente poucas escolas com nomes femininos e todas com nomes de professoras, mas casualmente, nenhuma com o nome de Helena. Tratando-se das escolas públicas centrais só existe uma com nome de uma professora, a maioria das outras instituições de ensino que possuem nomes femininos em suas fachadas se localiza em bairros periféricos. A cidade hoje possui mais de duzentos e oitenta mil habitantes, apesar do considerado número e de ter uma população que se desloca devido ao fato de muitas universidades, se faz uma cidade conservadora, ao analisar a trajetória política das eleições dos últimos anos.

A Câmara Municipal funciona em uma rua com nome masculino próxima a uma região centralizada e composta por casarões antigos, e no período em que Helena foi vereadora, localizava-se na rua do acampamento, rua essa que hoje é protegida pelo patrimônio histórico da cidade. Em um local com maioria composta por quartéis e *senhores* gerais, não parece ser vantajoso que o lado feminino fosse exaltado, pensado ou dominante. Não há uma preocupação em expor o feminino em Santa Maria, sem ser o nome da cidade que exalta a figura materna, casta e puritana como *dádiva*. O protagonismo feminino começou a ser adentrado na sociedade

---

<sup>3</sup> Anita Costa Beber -2006.

<sup>4</sup> Sandra Rebelato – 2011.

<sup>5</sup> Deilli Silva – 2014.

<sup>6</sup> Maria Aparecida Brizola – 2019.

com a chegada das Irmãs Franciscanas na cidade<sup>7</sup>, religiosas, mas que exerciam profissões como enfermeiras e professoras, o gênero que era influenciado no lar, passou a ser visualizado no trabalho em hospitais e escolas.

O trabalho feminino foi questionado como um elemento de impedimento as mulheres das ditas funções de mãe, esposa, mas ao percorrer a história percebe-se que elas sempre trabalharam. (MATTOS; BORELLI; 2012). Em uma cidade feita de homens para homens, em um período em que a ferrovia era um dos poucos meios de transporte existentes, mas o mais viável, e que se fez presente um movimento que reivindicava suas posições descontentes com o tratamento que lhes eram dados. Acerca disso, o caráter do movimento ferroviário é colocado em evidência e a visão que as autoridades tinham sobre esses trabalhadores:

Desejando seguir à risca as orientações do ideário Positivista no campo social, pensaram as autoridades do Rio Grande do Sul suprir em definitivo tais carências. Para tanto, trabalharam efetivamente com a perspectiva de 'inclusão' dos ferroviários na sociedade, o que na ótica desses trabalhadores seria o caminho para a gestação da sonhada classe ferroviária. Perspectiva que, no entanto, deve ser entendida como afirmação e reconhecimento do grupo profissional na sociedade onde atuavam. (FLÓRES, 2007, p.20).

Lembrando que para os governantes de meados do século XX, a classe ferroviária não possuía boa apresentação, porque com as greves e as reivindicações, permitiriam a entrada de ideologias indesejadas (pelo poder público) no movimento (Flores, 2007). Portanto, esses trabalhadores passaram a obter reconhecimento ao serem 'inseridos na sociedade' não porque eram aceitos, mas por temor de tornarem-se aliados das ideologias contrárias das elites locais. Ao consolidar-se como classe, criaram o caráter assistencialista em seus benefícios conforme ressalta:

No coletivo do operariado ferroviário gaúcho o assistencialismo e o mutualismo foram perenes. Assim se sucedeu com as primeiras sociedades de caráter beneficente e mutuais, e logo com a formação da cooperativa de consumo, construção de escolas e criação de clubes de futebol e de lazer que permitiram aos trabalhadores ferroviários do Rio Grande do Sul obter um status diferenciado no contexto da sociedade gaúcha. (FLÓRES, 2008, p. 149).

Assim, se na virada do século XIX para o XX os ferroviários eram trabalhadores perigosos, em meados do século XX formavam a maior cooperativa da América Latina, com patrimônio espalhado pela cidade. Nesse processo, percebe-se que conforme alcançavam uma

---

<sup>7</sup> As Irmãs Franciscanas chegaram em Santa Maria para atuar no Hospital de Caridade Astrogildo de Azevedo por volta de 1905.



resposta para as necessidades de serviços de seus cooperativados, os ferroviários foram incluídos na sua categoria de trabalho com privilégios que a maioria da classe trabalhadora no período não possuía, como por exemplo: acesso à educação formal e técnica dos filhos, atendimentos à saúde de toda a família, pecúlio e até mesmo recebimento alguns dias após acidente de trabalho. Nesse ambiente de assistência cooperativista que se materializou como privilégios de uma classe trabalhadora, Helena estudou na Escola Santa Terezinha por ser filha de ferroviário. Estudou em uma escola da rede criada pelos ferroviários, categoria da qual seu pai fazia parte, a intenção dessa instituição era de educar somente meninas voltadas para o aprendizado de artes e ofícios femininos. Quando a Congregação das Irmãs Franciscanas assumira a direção da instituição passou a oferecer cursos de músicas e de trabalhos domésticos. Ainda sobre essa instituição feminina destaca-se a seguir:

A poderosa cooperativa dos empregados da Viação Férrea preocupou-se também com a formação profissional das filhas dos ferroviários, criando, para isso, uma escola feminina de artes e ofícios. A escola Santa Terezinha foi fundada em 1º de junho de 1923 na Praça Cristóvão Colombo (atual Praça Eduardo Trevisan) e em 1928 passou a funcionar em novo e imponente edifício, construído no mesmo local pela Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. (BEBER, 1998, p. 19).

Os ferroviários exerciam atividades políticas e, em sua maioria, compunham o quadro de filiados ao Partido Trabalhista Brasileiro, mesmo partido do qual Helena se filiou para concorrer às eleições de 1951. Todos esses sujeitos ferroviários se tornaram responsáveis por ‘conduzir do trem’ da cidade, me refiro essas forças que atuaram para que a Estação Santa Maria continuasse em funcionamento, quer seja no campo do transporte, educação, saúde e política partidária. Os ferroviários atuaram na política, fazendo-se em um número relevante de candidatos (maioria) a disputa no legislativo municipal no ano de 1951. A seguir a nota emitida no jornal do município de candidatos do Partido Trabalhista Brasileiro no mês de outubro das eleições municipais

[..]. É com satisfação que a Comissão Executiva Estadual e a Junta Governativa do Partido Trabalhista Brasileiro, apresentaram como seus candidatos homens dignos, probos, capazes, sobretudo porque provindo da massa trabalhadora, serão mais permeáveis e compreensíveis aos anseios populares.

Santamariense: fazemos o nosso apelo ao teu amor a causa popular, decidindo se queres governar ao teu município, com homens do povo ou vê-lo voltar aqueles que se divorciaram da tua opinião.

Recomendamos, pois a nossa nominata:

HEITOR CAMPOS

Para Prefeito Municipal

RAUL VALANDRO

Para vice-prefeito

PARA VEREADORES:

Antonio Gonçalves Dias – Ferroviário

Antenor Moro – Agricultor

Ary Pinheiro Bernardes – Ferroviário

Antonio Leivas Massot – Médico Sanitarista

Aristides Lemos – Operário Ferroviário

Benjamim Prado Avila – Militar

Firmino Ventura dos Santos – Ferroviário

Faustino Cauduro – Médico

Helena Ferrari Teixeira – Professora

João Fagundes Xavier – Comerciante e Sindicalista

Luciano Martins de Castro – Ferroviário

Luiz Ferreti – Ferroviário e Contabilista

Moacyr Santana – Funcionário Público Municipal e Jornalista

Oswaldo Zambonato – Agricultor e Comerciante

Octacílio Silveira – Funcionário Público Estadual

Patrício de Oliveira Flores – Ferroviário

Romeu Bertoia – Cooperativista

Rafael Saraiva – Funcionário Público

Virginio Pereira das Neves – Advogado

Zeferino Correa – Serventuário da Justiça

(A RAZÃO, 28 de outubro de 1951, p. 2)

Nota-se que no texto aparece o uso de “candidatos homens dignos, pobros<sup>8</sup>, capazes” atribuído aos que concorriam ao pleito municipal, ao salientar os valores da época e a importância de conceder a imagem daqueles que serviriam ao povo como descendentes e provenientes de honra. Entretanto, só está atribuído aos candidatos do sexo masculino, Helena surgira como um imprevisto ao se candidatar ou não acreditariam que seria eleita? Não haveria

---

<sup>8</sup> Plural de probo, pessoa casta, digna, com excesso de honestidade.

intenção ao dizer que ela era uma mulher digna ou valorosa em um período que as mulheres consideradas dessa forma se constituíam assim ao fato de estarem dentro dos seus respectivos lares?

O trecho retirado do jornal *santa-mariense* nos permite analisar a presença de um número considerável de ferroviários indicados para concorrer na eleição para a Câmara de Vereadores da cidade: dos vinte, sete eram ferroviários. Os candidatos eleitos da nota foram sete: Aristides Lemos (operário ferroviário), Firmino Ventura dos Santos (ferroviário), Faustino Cauduro (médico), Helena Ferrari Teixeira (professora), Moacyr Santana (funcionário público municipal e jornalista), Vírginio Pereira Neves (advogado) e Zeferino Rodrigues Corrêa (serventuário da justiça), todos do Partido Trabalhista Brasileiro.

Segundo a ata nº 1/52<sup>9</sup>, os vereadores eleitos se reuniram no dia sete de janeiro de 1952, eram eles: Antonio Lozza, Aristides Lemos, Francisco Zeferino Corrêa, Faustino Cauduro, Hélio Herbert dos Santos, Helena Ferrari Teixeira, José Inácio Xavier, Moacyr Santana, Pedro Alvarez, Pedro Veríssimo Filho, Rubens Corrêa Krob, Vírginio Pereira Neves e Vasco da Cunha. Em Santa Maria de 1952, predominavam duas bancadas, que na leitura do jornal *A Razão*, divergiam parcialmente no campo das ideias, ao cruzar esses dados com as atas da Câmara, é nítida a rivalidade entre petebistas (PTB) e membros do PSD. Em especial, nota-se os discursos contrários e ideias opostas entre a bancada santa-mariense do PTB e PSD, em relação a defesa do prefeito petebista que foi eleito, a vereadora Helena Ferrari e o vereador Hélio Herbert, possuíam opiniões opostas acerca do prefeito, o que causou elogios de Helena e farpas trocadas nas sessões solenes por desacordo em relação ao gestor municipal.

Para compreendermos as relações entre os dois partidos, que inclusive divergiam da aliança em São Paulo, onde PTB e PSD formavam uma aliança parlamentar, é preciso analisar o contexto no período.

Em decorrência da atávica fragilidade partidária e da indefinição programática dos partidos, tem sido comum, no decorrer da trajetória política brasileira, a formação de frentes partidárias ou políticas, que se organizaram em alguns contextos, na tentativa de se construir organizações caracterizadas por identidades mais bem definidas entre seus integrantes. (DELGADO, 2003, p. 130).

Portanto, assim podemos compreender que cada partido tinha sua forma de exercer seu poder político, no entanto, o PTB, seguindo a linha trabalhista e Getulista, e, o PSD seguindo

---

<sup>9</sup> Arquivo Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, Ata nº 1/52, p. 01, Sessão Solene e Extraordinária em 07 de janeiro de 1952.

na linha Getulista moderado, eram ‘irmãos’ no que tange ao apoio ao Presidente da República, fundador de ambas as forças partidárias. Essas duas frentes formaram aliança contra a União Democrática Nacional – UDN, de caráter antigetulista, que se fez de porta-voz do partido. Os três partidos formaram uma estrutura de poder organizado majoritário, um triangulo partidário consolidando suas posições no Brasil. Vemos claramente uma opção pela posição em relação a liderança como mais determinante do que no campo de disputa das ideias sobre o país. Berstein argumenta sobre os partidos, o seguinte:

Desde o início do século XX, revelavam a importância e a riqueza de um domínio que se situa no cruzamento da longa duração e do acontecimento singular e que recorre, para explicar as ações dos homens, a dados múltiplos e complexos cuja combinação desemboca na existência e na ação dos partidos: o peso da tradição e o jogo das mentalidades, a cultura e o discurso, os grupos sociais e a ideologia, a psicologia social, o jogo dos mecanismos organizacionais e a importância das representações coletivas. (BERSTEIN, 2003, p.58).

No âmbito santa-mariense, PTB e PSD funcionavam como partidos de oposição divergindo do âmbito nacional. Segundo o principal jornal da cidade no período, o trabalhismo da cidade carregava o bordão “Getúlio Vargas recomenda o Partido Trabalhista Brasileiro” (A Razão, outubro de 1951), enquanto isso, o Partido Social Democrático – PSD constituiu uma Coligação Democrática ao se aliar com o Partido Libertador, a União Democrática Nacional e o Partido de Representação Popular. Durante o período eleitoral de 1951 e 1952, o Jornal A Razão<sup>10</sup> emitia notas políticas <sup>11</sup>onde constava o acontecimento em cada partido da cidade, quem seria candidato para as próximas eleições, as reuniões, os comícios e os convidados que chegavam no município. Essas notas jornalísticas eram assinadas pelo candidato a vereador pela Coligação Democrática, Antônio Abelin, vereador eleito que posteriormente teria desavenças com a vereadora. Nos meses de setembro e outubro daquele ano, a corrida eleitoral teve espaço nas reportagens jornalísticas que indagavam quem seria o candidato de cada partido, notificando a população a respeito de reuniões de cada grupo, divulgando as datas nas quais seriam selecionados os candidatos para prefeito e vice.

<sup>10</sup> Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM) Jornal A Razão Novembro 1951 – 1952.

<sup>11</sup> As notas políticas narravam os acontecimentos da câmara santa-mariense a cada dois dias visto que o veículo de informação era realizado com dois dias da semana em suas páginas.

### 3.1 A vida pública de Helena Ferrari

Aqui se fez necessário contar sobre Helena com o apoio das produções históricas sobre sua vida de vereadora, num caminho para a compreensão de Helena a H. Ela começou sua carreira como professora da escola Santa Catarina, foi secretária do Colégio Sant'Anna, época em que a instituição era voltada somente para educação de meninas e posteriormente deu aulas no mesmo local. Ela afirma, na ata da Câmara de Vereadores, em abril de 1952, que foi eleita pelo povo, entretanto na nota ao jornal, seu partido (PTB) anunciou sua candidatura e dos demais vereadores na chapa trabalhista e a classificou como professora e não como filha de ferroviário. Entretanto, o partido era conhecido e composto por um número significativo de trabalhadores ferroviários e pelo fato do Presidente da República na época ser trabalhista. Dias antes da eleição, o partido da vereadora publicou uma nominata no jornal santa-mariense com os candidatos a cargo de vereadores e prefeito. O caminho para rastrear Helena seria a princípio com os documentos da Câmara, mas a busca estava se convertendo em frustração, os documentos pareciam não ser suficientes.

Escrever sobre Helena não foi uma tarefa fácil por vários fatores, também porque passei por um processo de desconstrução em muitas reflexões minhas relacionadas a razão pela qual desejava trazer Helena para esse trabalho. Inicialmente, meu desejo foi pesquisar sobre ela, pelo fato de ter sido a primeira vereadora de Santa Maria, esse ineditismo associado ao protagonismo dessa mulher desbravadora da cena político partidária da cidade me atraía. Assim, colaborando com a ideia de Michelle Perrot sobre Mulheres Públicas ao afirmar que a mulher que exerce um cargo na política é vista como selvagem, instintiva, mais sensível do que racional, que ameaça e incomoda (1998, p. 7). Apesar de ter sido eleita, Helena não era vista de forma semelhante, ela própria conta no decorrer da ata municipal do dia 15 de abril de 1952,<sup>12</sup> que não era ingênua e que entendia as intenções de alguém de ridicularizá-la, mas que isso não aconteceria. No decorrer do seu mandato, Helena soube de reuniões secretas entre os vereadores em que ela não foi comunicada. Na monografia escrita por Gallina (2004) essa característica se destaca, pois, ser mulher na esfera pública política e uma experiência de falta de equidade de gênero, no período de atuação política de Helena de 1952 até 1963, isso utilizando como fontes desde a história oral (entrevistas com ex-vereadores), nas consultas a atas municipais e na abordagem do jornal sobre a vereadora, essa falta de igualdade se torna visível inclusive nas manchetes tendenciosas do Jornal A Razão.

---

<sup>12</sup> Ata Municipal nº 4/52. Arquivo Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria.

Se atentar para a forma de abordagem na dissertação de Brancher (2006), Helena aparece a partir das lembranças de suas alunas. Ela aparece na memória individual de cada aluna, mais como professora que representante do legislativo. Ambas as pesquisas, mesmo que em áreas distintas, se constituem como relatos biográficos, com abordagens e narrativas irreduzíveis, seguindo uma linha linear de feitos de forma cronologicamente. A diferenciação se faz nos documentos encontrados deixados por Helena, pois, seus textos vão numa direção oposta a uma versão tradicional de biografias já que revelaram a fragilidade de sua pessoa, o que é preferível pelo narrador a não ser utilizado nas biografias.

Ao dar seguimento na investigação, optei por cruzar alguns dados da bibliografia específica sobre a vida de Helena com as fontes jornalísticas. Os jornais existentes no período em que Helena era vereadora na cidade eram: o Correio do Povo e o Jornal A Razão, foram escolhidos esses dois veículos de informação pelo fato de serem os mais conhecidos do período. Entretanto, no Jornal Correio do Povo as buscas não foram promissoras, as leituras de suas páginas não anunciavam dados que respondesse as perguntas feitas no decorrer da pesquisa, sendo possível a investigação consultada apenas no jornal santa-mariense. Com as notícias lidas entre os meses de janeiro de 1951 até de dezembro de 1952, o intuito foi de encontrar notas sobre a primeira candidata a vereadora ou publicações de anúncios como eram feitos dos candidatos ou matérias sobre o tema.

O material fartamente publicado no período era sobre concursos de beleza dos clubes da cidade, anúncios da presidente da União Santa-mariense dos Estudantes, casamentos e aniversários. Helena foi eleita vereadora com 449 votos e até o dia anterior as eleições em que se deu em 1º de novembro de 1951, não havia sido sequer anunciado o nome da candidata em nenhum veículo jornalístico da cidade, tampouco figurou em propagandas do partido, nem em anúncios com o objetivo de conquistar eleitores. Nas fotos das reuniões do seu grupo político, ela aparece nas fotografias, na posse do legislativo estava presente através da leitura da ata, sua imagem também não aparecia na fotografia escolhida pelo A Razão para estampar a notícia (janeiro de 1952). O mesmo veículo de informação trouxe ao conhecimento dos seus leitores informações sobre a primeira candidata a vereadora a concorrer às eleições na cidade de Alegrete, mas tratando-se da conterrânea de Santa Maria, restou apenas o silêncio, notícias raras ou apenas seu nome corrido ao longo do texto.

Na campanha de Helena Ferrari, foram distribuídos panfletos de apresentação a população, mencionando o seu posicionamento getulista, alinhado ao partido na cidade e aos

anúncios em uma rádio local chamada Imembuí, num período em que o rádio era o instrumento de informação mais prestigiado.

Desse ponto em diante, não objetivo separar as Helenas, pois há dados autorreflexivos sobre participações públicas arquivados como documentos oficiais. As notas de jornal se misturam com as notas de H. Helena conta em suas notas que em muitos comícios em que participou, um deles foi na cidade de São Gabriel em que foi homenageada e que nessas vezes ao perceber as pessoas que estavam ali atentas as suas palavras, sentia uma profunda emoção ao lembrar que começara 'do nada' e situavam-se as sementes que foram plantadas com sua atuação política.

Ela ainda relata que era chamada de famosa por terceiros e que apesar disso, não se sentia famosa, porque a despeito de ter sido a primeira mulher eleita como vereadora, reconhecia as adversidades que passava por ter escolhido a política. A sua bandeira política pessoal era marcada pela união entre o nacionalismo, o apoio aos trabalhadores e o getulismo, participava de eventos, entre os acontecimentos destacava o dia do trabalho e a homenagem ao trabalhador, comemoração ao dia internacional da mulher e também o Congresso Nacional do Petróleo que descreveu como magnífico e empolgante, que foi realizado no Rio de Janeiro em 1955. Evento em que Helena usou da palavra e o relatório feito foi lido e arquivado na Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria.

#### 4. FRAGMENTOS DE H.

No capítulo anterior dessa pesquisa percorri a vida pública de Helena Ferrari, nesse capítulo trago relatos que são os textos assinados por H., que abordam episódios do passado e temas de forma fragmentada. Via de regra o conteúdo dos escritos se refere a ações que remontam as décadas de 1940, 50 e foi escrito por ela na década 2000, anos antes de seu falecimento. Um fragmento pode ser definido como uma parte de um todo, uma pequena parte que, nesse caso, foi responsável por realizar um ponto de encontro com as múltiplas vozes de Helena. Neste capítulo, descrevo os escritos deixados por H., suas anotações, notas soltas ou cadernetas escritas à mão, com esferográficas de cores azul, preto e vermelho que relatam seus anseios e os fatos que presenciou em sua trajetória de vida por meio de imagens criadas por ela para os leitores de suas cartas. As notas foram classificações como: notas numeradas; notas rascunhadas, cartas diversas e congratulações. Os escritos deixados por H. geraram outra imagem sobre ela mesma, por isso, ao ler esses textos foi necessário criar uma classificação, permitindo agregar alguma ordem mínima voltada a compreensão dos mesmos e a uma possível utilização como fonte histórica: assim os documentos foram contados e classificados. As notas numeradas por H. contam com números desordenados, as notas rascunhadas encontram-se os textos repetidos que foram citados em outras páginas soltas de papel parcialmente classificadas e numeradas, mas muitos dos escritos não estavam finalizados ou não possuíam um encerramento do assunto. Essa característica me permitiu classificá-los como rascunhos, essa mesma ocorrência denota o esforço da autora em elaborar os escritos, de insistir na construção de descrições, enumeração de ações, há um esmero que não chega a ser concluído, parece que algo se desconecta em determinado ponto. Há muito inícios e poucos encerramentos. Encontrei textos sem ponto final, com temas desconexos, assim como há trechos os quais descreve cenas específicas como sua formatura, do falecimento do Presidente Vargas e logo após a vista de Lacerda a Santa Maria, relatos sobre o apoio da mãe e da companhia por parte dela nas atividades da vereadora. Vida íntima e acontecimentos públicos são temas para H.

Há também um conjunto de documentos que classifiquei como cartas diversas, algumas são endereçadas a familiares e a companheiros políticos como a carta para Fernando Ferrari; há ainda papéis de congratulações com felicitações de casamentos, formaturas, algumas delas sem destinatários mencionados - mesmo assim, rascunhadas e numeradas.

Um dado importante é que Helena escreve sobre si utilizando a 3ª pessoa do singular, esse fato suscita dúvida sobre se ela escreve direcionado a mais pessoas ou se assim o faz por reconhecer que não era mais a mesma Helena que viveu todas aquelas memórias. De toda



forma, há um distanciamento, uma imagem criada para que ela pudesse contar sua história como quisesse, permitindo ficar oculto o que não gostaria que virasse público. Ela deixou escrito o que mais a marcou e permaneceu em sua memória até o final de seus dias. A nota numerada 1 foi escrita seis vezes por H., mas nenhuma possuía o texto igual até o final da folha, parece que o empenho para burilar o texto está misturado com ao esforço de não esquecer.

HELENA FERRARI TEIXEIRA

SANTA MARIA –RS.

1) Santa Maria, no Rio Grande do Sul, (à época Santa Maria da Boca do Monte), no final da década de 40, conheceu figura singular que, como o famoso Vento Norte, de forma marcante, tocou a todos: a maioria reprovava as atitudes daquela moça bonita, inteligente e de oratória brilhante, outros poucos, outras poucas mulheres vibravam com sua ousadia e suas destemidas atitudes, porém calavam-se diante das circunstâncias impostas pelos costumes vigentes. Sim, pois essa cidade de padrões altamente rígidos com relação à moral e aos costumes, nunca tinha visto mulher sobressair-se. E Helena Ferrari (seu nome de “guerra”) era política, seguidora e amiga de Getúlio Vargas, líder feminista (antes mesmo de se ter forjado o termo) e poetisa de alta sensibilidade.

(Nota de H, sem data)

Na nota acima, H. fala que no início a cidade era conhecida como Santa Maria da Boca do Monte e que no final da década de 40, a cidade conheceu uma figura singular que de forma marcante, tocou a todos - vento norte. Também fala que a maioria desaprovava seus posicionamentos, no entanto outros vibravam com sua ousadia e suas destemidas atitudes, mas calavam-se diante das circunstâncias impostas pelos costumes vigentes da época. Se dizia líder feminista, antes do termo estar popularizado no Brasil, no entanto, é preciso ser lembrado que os escritos foram elaborados anos após o final de sua carreira política, assim o termo se fazia conhecido. “Feminismo se define como movimento que luta pela igualdade dos direitos da mulher, em relação aos do homem.”<sup>13</sup>

Assim, H. afirma que “a cidade com seus padrões rígidos em relação a sua moral e costumes, não havia presenciado uma mulher se sobressair.” Nessa nota ainda afirma que “Helena Ferrari que era conhecida por esse nome de guerra, era uma política, seguidora e amiga de Getúlio Vargas.” A política emerge como um campo de batalha, é preciso ter um nome ‘de guerra’, isso demonstra uma habituação com vários nomes para diferentes campos. A nota se

---

<sup>13</sup> AULETE, Caldas. Dicionário Aulete de bolso da língua portuguesa. – Porto Alegre, RS: L&PM; Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

confunde, por mais que Helena se referisse em 3ª pessoa, não há indícios que ela se considerava feminista nos seus discursos no período em que exercia cargo público, apenas nacionalista convicta e a favor dos trabalhadores. A autora das notas afirmava que “Helena sempre apoiou as reivindicações populares e os movimentos de massa, bem como sempre se fez presente nos debates e comemorações do Dia Internacional da Mulher. ”

É mencionado em sua fala sobre a emancipação feminina, mas em nenhum momento se definiu como integrante ou a favor de movimentos feministas, atribuí-la como feminista seria um termo anacrônico<sup>14</sup>, gerando uma banalização e desconsiderando o contexto presente no período. Entretanto, pode ter se identificado com o movimento no período em que os seus escritos foram elaborados, não se fazia atuante mais, mas visando a emancipação feminina que era algo mencionado em seus textos. H. ao escrever sobre ‘Helena’ a considera ela (e a si) “Como pioneira na luta pela emancipação da mulher, Helena diz que abriu caminho para as mulheres ingressarem na política e se candidatarem a cargos eletivos. ” (Nota de H, sem data). Helena estava só na Câmara e parece ser só na área mais ampla política, não há outras mulheres citadas nessa área nos jornais da época.<sup>15</sup>

Ao ser vereadora, apesar de parecer que exercia uma posição de igualdade junto aos vereadores na Câmara Municipal, essa paridade não era exercida plenamente, pois sempre que tinha seu direito de fala ou proposta no legislativo era seguida de uma ampla explicação justificando sua fala.

[..] Com a palavra a vereadora, Helena Ferrari Teixeira, depois de ampla e precisa justificativa, encaminhou á Mesa, uma moção a ser dirigida ao Exmo. Sr. Secretário da Educação, pleiteando a criação de um curso de ginásio, junto a um dos Grupos Escolares do Estado, para funcionamento noturno, levando em conta a existência de apenas um ginásio público, o que funciona junto à Escola Normal “Olavo Bilac, ” insuficiente para atender às necessidades escolares de Santa Maria; o pedido de caminhamento foi deferido. [...] (Ata nº1/52, p.02).

Entre propostas de encaminhamentos, leituras de atas e longas explicações, Helena faz uso de sua oratória, em seus escritos percebe-se um tom heroico, grandes feitos em meio as fragilidades. Em uma das notas, Helena afirma que é “Filha do povo com preocupação sobre o solidarismo, identificou-se com as lutas e reivindicações populares, procurando dar, na medida de suas possibilidades, a sua contribuição de idealismo e trabalho pelo advento de uma Brasil

<sup>14</sup> Anacronismo é a utilização de um termo de uma determinada época para avaliar os valores que não condizem no mesmo tempo histórico.

<sup>15</sup> A próxima vereadora eleita ocorreu somente em 1973.

mais homogêneo. ” Nessa nota Helena se apresenta como filha do povo, identificada com as lutas populares e expressa um idealismo ligado ao trabalho, marca do seu Partido Trabalhista Brasileiro. Na segunda nota que a autora utiliza a numeração 1 encontra-se o seguinte escrito:

Helena se fez trabalhista por ideal, sem procurar tirar proveito da política, posição de relevo ou destaque. Filha do povo como se nomeava, Helena falava que possuía a preocupação com o solidarismo, identificou se com as lutas e reivindicações populares, procurou dar em suas possibilidades a contribuição de idealismo e trabalho por um Brasil mais homogêneo.

(Nota de Helena, sem data)

Nos dois escritos entende que havia uma identificação com o trabalhismo do seu partido e a afirmação que utilizava como ‘filha do povo’, exalta preocupação em ser identificada com as causas populares. Helena era seguidora de Getúlio Vargas, referência para a então vereadora, visível em várias notas nas quais são descritas muitas lembranças com o líder petebista no período de seu mandato. Helena afirmava que era seguidora, apoiadora e companheira de partido de Vargas, as afirmações encontradas nos escritos de H sobre o encontro na fazenda em São Borja aparecem em seis escritos diferentes. Os encontros de Helena com Vargas se deram em duas fazendas distintas: uma em São Borja, onde ocorreu o encontro do petebista com a Ala feminina do partido; e em outra propriedade pertencente ao Dr. Batista Luzardo, em Uruguaiana, local onde Helena se dirigiu para comemorar a vitória das eleições presidenciais de 1950. A cerca do primeiro encontro Helena destaca:

Helena e suas companheiras da Ala Feminina com o Dr. Getúlio Vargas na Fazenda Santos Reis em São Borja, bem como na granja do Dr. João Goulart na mesma cidade, onde ela e Mercedes saudaram em discurso o grande Presidente. Que na granja do Dr. Jango, o Dr. Getúlio disse para Helena subisse na mesa do churrasco para discursar e a ergueu e a colocou na referida mesa. Ainda em São Borja, estiveram no clube e bateram uma foto.

(Nota numerada 15, sem data)

H. tinha marcado nas memórias que restaram seus heróis e seus vilões que continuaram os mesmos, como era fiel a figura Varguista, era contrária ao opositor de Vargas, Carlos Lacerda, mencionado como ‘o corvo’ sete vezes.

Helena narra que a tarde no mesmo dia da visita de Lacerda a cidade, em frente à sede do PTB na rua do Acampamento, H. liderou um movimento de repúdio ao visitante. Sendo assim, avançando nas ruas para enfrenta-lo, ocasião que eram barrados em todas as esquinas, enfrentando ameaças e tiros dos capangas do ‘Corvo’.

(Escrito de H., sem data)

H. explica que ‘corvo’ era uma expressão adequada porque considerava Lacerda como assassino de Getúlio Vargas, mesmo que ele tenha cometido suicídio em 1954, deixando uma carta-testamento a nação. Carta-testamento, cuja réplica, ela ganhou de presente do presidente da Caixa Econômica Federal da época e guardou, junto com as fotos do encontro com o presidente G. Vargas em São Borja, no seu acervo pessoal. Esse presente foi citado cinco vezes por H. em suas notas, mas apenas uma vez consta numeração, sendo o número dezessete e os outros escritos são apenas rascunhos. Assim, H. reforça que guardou como relíquia esses presentes que ganhou “Tais fotos, juntamente com as outras, Helena guarda, como lembrança, no seu arquivo político. Guarda também, como relíquia, a Carta-Testamento que lhe foi oferecida com dedicatória, pelo então Presidente da Caixa Econômica Federal. ” As fotos tiradas e guardadas como lembrança em seu arquivo político são aquelas em que aparece junto a Getúlio Vargas em dois momentos diferentes: a visita dela a Fazenda Santos Reis e em razão da sua ida a Uruguaiana após a sua vitória na corrida eleitoral santa-mariense.

Em mais uma de suas notas, H. destaca a renúncia a sua vida, sem mencionar o que de fato renunciou ao assumir um cargo público.

Filha do povo, Helena tinha a preocupação com o solidarismo, identificou se com as lutas e reivindicações populares, procurou dar em suas possibilidades a contribuição de idealismo e trabalho por um Brasil mais homogêneo. Helena exercendo a vida pública e merecendo uma cadeira na câmara local, não deixou de levar o programa de trabalho que traçou e o propósito de sempre acertar e o interesse pela coletividade. A vida de Helena foi uma renúncia, de si mesma, deixando se absorver pelo trabalho da causa pública que foi a sua própria causa. Sua casa era o caminho daqueles que queriam ver seus assuntos tratados com carinho e dedicação. (Nota de H.)

Assim como na nota acima a nota a seguir H. menciona um texto semelhante, mas com a mesma frase presente, ressaltando a sua renúncia. Parte dessa renúncia pode se referir ao fato de se sentir absorvida pelo trabalho político, lembrando que Helena teve que deixar de dar aulas ao assumir seu mandato, devido a agenda que consistia nas assembleias, pois, não havia um horário fixo para ocorrer, a cada encontro eram agendadas as sessões seguintes. Ela também cita sua casa em alguns trechos para situá-la como um local de onde pessoas buscavam ajuda

em suas causas O texto tem como numeração número 2, e possui quatro trechos diferentes na mesma folha e numeração.

Câmara local, não poderia levar para lá uma linha sequer do programa de trabalho que traçou e o propósito de sempre acertar e, sempre acima dos seus propósitos, o interesse da coletividade. A vida de H. foi uma renúncia, renúncia de si mesma, deixando-se absorver pelo trabalho da causa pública que foi a sua própria causa. A casa dela era o caminho daqueles que queriam ver seus assuntos com dedicação. (Última palavra rasurada)

Helena foi professora e poeta, portanto dominava bem os acordos ortográficos do período, sua escrita era minuciosa e correta, devido aos anos em que deu aulas nas escolas e aulas particulares. Nota-se a palavra ‘sequer’ escrita com ‘i,’ que se fez presente na nota escrita nos anos em que suas anotações foram a atividade cotidiana recorrente, onde mesmo possuindo os conhecimentos da língua portuguesa, teve o deslize ortográfico. Saliento esse erro, não com intenção de desmerecimento, mas de revelar que nesse período a relutância em manter-se o que era se fez presente em várias formas, com os escritos, com as lembranças recorrentes e os rabiscos nas folhas. Nos rascunhos, muitas palavras foram escritas novamente, outras anuladas, contando com anulações inelegíveis.

## 5. COAUTORIA E PROTAGONISMO: algumas considerações finais

Ao longo do tempo Helena Ferrari demonstrou ser mais do que um personagem no jogo político e sim uma incógnita complexa que despertou curiosidade e interesse em decifrar. Primeiro, pelo fato que ela criou uma narradora, H., para falar de si com cerimônia e distanciamento e para conduzir o leitor ao que ela gostaria que fosse lembrado; num tipo de texto direcionado para um público específico, que deveria existir num futuro, apesar de não ter um destinatário identificado nas cartas e anotações. Um público futuro e anônimo. Segundo, as informações registradas por H. se contradizem em muitas vezes devido a sua saúde na época em que escreveu, ao menos 40 anos depois dos fatos sucedidos, tendo que lidar com o esquecimento e lapsos de memória. Com a história de Helena Ferrari, percebi três personalidades distintas: a Helena professora e vereadora que liderou uma manifestação contra o ‘assassino de Getúlio Vargas’, que definia o certo e errado, que não deixava que falassem dela sem dar uma resposta altura; a H. que se apegava nessas lembranças por medo do esquecimento do público e daquele causado pela doença; e a Helena Ferrari, figura política que marcou Santa Maria, mas que infelizmente não é tão falada e a maioria da população não a conhece.

É como se a primeira vereadora fosse em algum momento apagada pelos órgãos públicos, as principais ruas da cidade têm nomes de homens políticos. A rua que recebeu seu nome está localizada numa região afastada da cidade, periferia onde não há menção ou histórico sobre a pessoa de Helena. A professora, que deu aulas particulares e tinha conhecimento suficiente em ortografia e letra cursiva, desenhada ao escrever e, após sua doença, passou por mudanças e foi perdendo a destreza, sua letra não era mais a mesma: tornou-se uma letra de forma cada vez mais separada, de tamanhos irregulares, o que permite considerar que, talvez, o punho causasse desconforto ao escrever. A irregularidade da letra, da linha, do conteúdo – o efeito do tempo, da duração da existência alinhado ao envelhecimento.

Os documentos escritos não possuem datas, somente as cartas e as saudações, o que levanta como questionamento se Helena, ao escrever sobre os eventos escolhidos, já sofria as consequências de sua doença que tornavam o esquecimento uma presença marcante em seus dias. Como construir uma investigação que não desse ênfase indevida ao envelhecimento e adoecimento de Helena? Como abordar sem cair na estimatização? Escrever sobre a trajetória de alguém que sofreu com problemas de memória, cujo transtorno mental afeta sua lucidez foi um desafio que se instalou nessa investigação, portanto foi preciso buscar compreensão sobre

a área da saúde. Em 2001, a Organização Mundial da Saúde (OMS) elaborou um relatório mundial sobre saúde mental, que afirma o seguinte:

Para todas as pessoas, a saúde mental, a saúde física e a social são fios da vida estreitamente entrelaçados e profundamente interdependentes. À medida que cresce a compreensão desse relacionamento, torna-se cada vez mais evidente que a saúde mental é indispensável para o bem-estar geral dos indivíduos, das sociedades e dos países. Lamentavelmente, na maior parte do mundo, está-se ainda longe de atribuir à saúde mental e às perturbações mentais a mesma importância dada à saúde física. Em vez disso, são, em geral, ignorados ou negligenciados. (The World Health, 2011).

Se passaram muitos anos desde que o relatório foi compartilhado pelos órgãos médicos e de saúde, apesar de todas as informações descobertas com o avanço da tecnologia, ainda se perpetua muito o estereótipo sobre as pessoas que sofrem com esse quadro. Interessante notar o quanto essa descrição acima enfatiza a vida dos humanos erigida a partir de redes de relações, conexões que podem ser fragilizadas pelas mais diferentes dificuldades de comunicação e de memória, quando envolvem doenças neurodegenerativas. Caminhos comuns do envelhecimento humano, mas tão sensíveis ao ponto de não sabermos como adentrar a esse tema tão delicado e recorrente em muitos indivíduos atualmente.

No decorrer da pesquisa, a maior cautela foi de ao falar sobre as múltiplas vozes da narrativa de Helena para que ao leitor não fosse gerado uma ideia de inferiorizar ou até mesmo diminuir aquela que escreve sobre si mesma em um período de fragilidade. Afinal, é justamente o oposto, é preciso enorme fibra ou força de vontade para não se deixar levar quando a condição de saúde é afetada. Segundo Souza sobre estereótipos em pessoas com problemas psicológicos afirma que:

Se pararmos um pouco para refletir, todos seremos capazes de enunciar um ou outro estereótipo associado aos problemas psicológicos e às perturbações de saúde mental. A título de exemplo, muitas pessoas acreditam, ainda nos dias de hoje, que as pessoas são responsáveis pela sua condição; outro, inclusive mais prejudicial, é o de que as pessoas com problemas mentais são perigosas e imprevisíveis. (SOUZA, 2017, p.2).

Helena não tinha um diagnóstico de transtorno mental como esquizofrenia ou depressão, mas uma enfermidade que afetou seu sistema neurológico, que na medicina é descrita com uma doença que altera o bem-estar da pessoa. Com os documentos deixados, ela resumiu sua vida à medida que lidava com o esquecimento: refazia formas de contorná-lo, dobrava a tendência à

medida que resistia com as palavras. Ela fez isso incontáveis vezes, só restaram alguns papéis que documentam esse esforço. Ela se atrelou as lembranças mais marcantes, as mais próximas ao coração a emoção: o ídolo político, o arqui-inimigo. Ao mesmo tempo em que tomou decisões sobre variáveis contemporâneas, como o preconceito com o envelhecimento, H. protegeu Helena ao fazer o esforço de não divulgar a data de nascimento e a idade. Essa atitude pode ser tomada como um efeito do momento vivido nos anos dois mil, quando redigia e percebia que precisava evitar julgamentos devido à idade avançada e o possível descrédito atribuído a velhice.

Desta forma, sua narrativa revela mais, não foi apenas a professora e a primeira vereadora de uma cidade referência em educação básica e superior no Rio Grande do Sul ao longo do século XX. Ela lutou contra as adversidades, além daquelas políticas, cotidianas de quem tem uma vida longa e tenta se manter presente, com as rédeas da sua vida em suas mãos. Sua narração em terceira pessoa revela esse detalhe de querer estar ali, mesmo com todos os algozes políticos, biológicos e com os fantasmas discriminatórios de gênero e sociais dos quais ela não quis se esquivar, antes, criou novas estratégias de preservar sua memória numa cidade do interior de um estado com histórico conservador.

Nesses escritos, Helena criou memória sobre ela e moldou o que desejava que fosse revelado àqueles que leem suas notas: o leitor é de forma imediata conduzido as suas lembranças, sua carreira política, formatura da escola com as irmãs e o lamento por não ter cursado a faculdade de direito. Quanto a sua atuação política, essa é retratada com ênfase e entusiasmo em seus escritos, a Helena do palanque político, dos discursos, dos encontros com Getúlio Vargas acendia suas lembranças mais de uma vez. As anotações foram necessárias para conduzir meu olhar sobre ela, bem como a reflexão do que se é falado ou não, o medo de esquecer quem se é, uma vulnerabilidade da condição de humana. Ao escrever as anotações com sua letra, o conflito se fez presente a autora, alterando a sua forma de escrita, a cor com que era registrava o passado e o armazenamento da documentação.

Helena fez de sua escrita uma forma de resistir ao esquecimento, até onde lhe foi possível, rejeitou os padrões que foram colocados em sua juventude e o padrão de sua doença. Devido ao medo de esquecer e de não saber lidar com o esquecimento, ela escreveu cartas para sua sobrinha Alires. Nas cartas faz referência ao fato de saber que sua sobrinha planejava fazer uma biografia sobre sua vida e, por isso trocava com ela anotações com folhas numeradas, destacando acontecimentos marcantes de sua vida. Nessa luta insistente, descreveu a si em 3ª pessoa, se fez sujeito do discurso, com intenção de que mais pessoas fossem conhecedoras de



sua trajetória. Sua escrita se projeta sobre o futuro ao mesmo tempo que tenta manter presente um passado experimentado. Ao me deparar com o a coautoria de H., sua história e como a pesquisa foi elaborada, destaco a afirmação de Albuquerque (2007) ao mencionar sobre a história:

Pensamos, hoje, o passado como uma invenção, de que fizeram parte sucessivas camadas de discursos e práticas. Percebemos o passado como um abismo que não se pára de cavar; quanto mais queremos nos aproximar dele, mais nos afastamos. Damos conta de que a História não está a serviço da memória, de sua salvação, mas está, sim, a serviço do esquecimento. (2007, p.61).

Ricoeur delimita o esquecimento em dois tipos: apagamento dos rastros e esquecimento de reserva. Rastros constitui-se em arquivos preservados constados nos documentos, em relação ao apagamento dos rastros, existem três classificados por Ricoeur no livro “A memória, a história, o esquecimento” (2007), o rastro escrito que se faz plano da operação historiográfica; rastro documental, que é o material, referindo-se a esfera comportamental que foi deixado por algum acontecimento marcante, o rastro cerebral ou cortical que refere-se as atividades psíquicas e estudado pelas neurociências e por último, o rastro psíquico que é constituído pelo estado afetivo. O rastro cortical se situa ao lado do rastro documental, pois pode ser alterado fisicamente ou até apagado, o autor afirma que só temos conhecimento sobre esse rastro externamente devido ao conhecimento científico. Utilizando os relatos biográficos das ciências sociais, retomo a história de Helena que é recontada através da trajetória que visa demonstrar suas histórias vividas em variados contextos: a atuação política, o seu processo de prender-se as memórias e o contexto pós acontecimento, mostrando assim suas fragilidades e incoerências como indivíduo.

Por fim, retomo a crítica de Bourdieu em relação as biografias que afirmam esses relatos biográficos seguiam um percurso linear, negando em parte os contextos e influências exteriores, assim ocultam por meio do narrador incoerências do sujeito narrado, quando essa crítica foi realizada foi em relação a herança positivista da história. Portanto, ao delimitar o protagonismo de Helena que se sucedeu pela forma em que se colocava em suas narrações falando sobre si e direcionado aos que leriam seus feitos, a sua coautoria nessa investigação também se fez como uma peça chave ao conduzir sua trajetória e não sua biografia. Uma invenção escrita a muitas mãos, em mútua influência e num exercício histórico multitemporal, ao trabalhar com os documentos o receio de mostrar fragilidade em uma mulher que escondia seu lado mais

delicado. Compreende-se que Helena se fez forte no período dos mandatos porque ela entendia que era vista como única no legislativo, se sentia coagida sem estar sofrendo perigo. Mas a questão que fica é: Helena não estava em uma situação de perigo, por que as amplas justificativas em suas falas? Ela se sentia em perigo, devido ao fato de poder ser silenciada a cada palavra, o uso do salto ao chegar na câmara, a colocava como notada. Sua doença e o envelhecimento ressaltaram o cansaço de sua existência, o que desencadeou a memorização dos feitos realizados no período de juventude.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Jr. Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. – Bauru, SP: Edusc, 2007.
- AULETE, Caldas. **Dicionário Aulete de bolso da língua portuguesa.** – Porto Alegre, RS: L&PM; Rio de Janeiro: Lexikon, 2011
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BEBER, Cirilo Costa. **Santa Maria 200 anos: história da economia do município.** – Santa Maria: Pallotti, 1998.
- BERSTEIN, Serge. Os Partidos in: RÉMOND, René. **Por uma história política:** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos.** – Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BRANCHER, R. Vantoir. **Helena Ferrari Teixeira: entre saberes e representações.** 2006. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-191.
- DELGADO, Lucilia. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves FERREIRA, Jorge (Org). **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil.** – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **Os trabalhadores da V.F.R.G.S.: profissão, mutualismo, cooperativismo.** – Santa Maria: Pallotti, 2008.
- FERRAROTTI, Franco. A biografia como interação. In: FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida. O método biográfico nas ciências sociais.** Natal: EDUFRN, 2014 (p.67-78.)
- GALLINA, F. Justina. **Helena Ferrari Teixeira: a quebra da hegemonia masculina no legislativo santa-mariense.** 2004. 122f. Monografia de Graduação (Relações Públicas) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. 1877-1945 **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** São Paulo: Editora Unicamp, 1990.
- MARQUES, J. O. **O Trabalhismo Brasileiro em Santa Maria (1951 – 1954).** Santa Maria: UFSM, 2011.
- MATTOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs). **Nova História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013. Não paginada.

- MOTA, Márcia Maria Menendes. História Memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Novos domínios da História**. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- MONTAGNER, Miguel Ângelo. **Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana**. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan. /jun. 2007, p. 240-264
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. – São Paulo: Contexto, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Mulheres Públicas**. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- \_\_\_\_\_. **As mulheres ou os silêncios da história**. – Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In: **III Encontro Regional Sudeste de História Oral**, 1999, Mariana. HISTÓRIA ORAL, 3, 2000, p. 117-27.
- PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. Qual história? In: PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Natal: EDUFRRN, 2012, p. 105-145.
- RÉMOND, René. **Por uma história política**. - 2. ed.- Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. – Campinas, SP: Papirus, 1994.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SOUZA, José Ferreira de. **Estigma da Saúde Mental**. Psicologia PT, Porto: 2017. Disponível em: [https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?o-estigma-da-saude-mental&codigo=A1120&area=d5](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?o-estigma-da-saude-mental&codigo=A1120&area=d5) Acessado em 20 de abril de 2020.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2011.
- OLIVEIRA, Franciele Rocha de. **Moreno rei dos astros a brilhar, querida União Familiar: trajetória e memória do clube negro fundado em Santa Maria, no pós-abolição / Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria**, 2016.

**FONTES**

ACERVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE SANTA MARIA. **Ata 47/1952.**

\_\_\_\_\_. **Atas n. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 1952.**

Jornal a Razão. Santa Maria, 01 de agosto de 1951.

\_\_\_\_\_. Santa Maria, 4 de agosto de 1951.

\_\_\_\_\_. Santa Maria, 7 de agosto de 1951.

\_\_\_\_\_. Santa Maria, 28 de agosto de 1951.

\_\_\_\_\_. Santa Maria, 1 de setembro de 1951.

\_\_\_\_\_. Santa Maria, 6 de setembro de 1951.

\_\_\_\_\_. Santa Maria, 1 de outubro de 1951.

\_\_\_\_\_. Santa Maria, 4 de outubro de 1951.

\_\_\_\_\_. Santa Maria, 28 de outubro de 1951.

\_\_\_\_\_. Santa Maria, 31 de outubro de 1951.

\_\_\_\_\_. Santa Maria, 4 de novembro de 1951.

\_\_\_\_\_. Santa Maria, 1 de janeiro de 1952.